

O Trabalhador Graphico

Orgão da União dos Trabalhadores Graphicos

Sede: Rua Marechal Deodoro, 2
(SOBRADO)

Num. 1 Anno 1

S. Paulo, 5 de Maio de 1904

CONVOCAÇÃO

Convida-se os socios desta associação, para á assembléa geral extraordinaria, que deve se realizar **Domingo, 8 do corrente, á 1 hora da tarde**, em sua séde, para tratar-se da seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1º Leitura da acta da sessão anterior;
- 2º Apresentação de novos socios;
- 3º Eleição das comissões technicas;
- 3º Disposições para uma festa;
- 4º Proposições geraes.

N. B. — Art. 47 — As assembléas serão validas em primeira convocação, desde que se verifique a presença de um quarto dos socios quites.

§ unico. Uma hora depois da marcada para a primeira, a assembléa se considerará reunida em segunda convocação e será valida com qualquer numero de socios presentes.

Ainda bem

Cresce o entusiasmo.

Nem os gemidos dos que se dizem prejudicados ou desiludidos pelas reclamações collectivas, ás quaes, talvez, não prestaram jámais, a menor ajuda, mas das quaes desfructaram os seus beneficios; nem as maquiavelicas insinuações, sempre na bocca dos que tudo esperam da intriga ou da adulação, de que nunca se tirará nenhum proveito; nem os innocentes argumentos (para não dizer—tolices) daquelles pobres de espirito que acreditam, de boa fé, serem attentatorias ás leis ou ao direito dos outros as reacções do operariado que tendem a implantação de melhoras economicas ou sociaes, pelo que se acham sujeitos ao castigo das auctoridades os que nellas tomam parte; nem as desconfianças que semeiam alguns egoistas que têm medo de perder o logar que occupam, remunerado *generosamente* pelos patrões, á custa do suor de seus companheiros de trabalho; nem os *trabalhinhos* de equilibristas que, por medo ou por conveniencia, ou mesmo por ambas as cousas, vituperam aos proprios companheiros quando falam delles com os donos, e contam horrores destes quando em conversa com os companheiros, pretendendo com este systema serem amigos de Deus e do Diabo, illudindo a ambos; nem, emfim, a surda guerra que movem á Associação alguns carrascos dos operarios, porque vêm nella uma ameaça aos seus criminosos procedimentos,—têm sido sufficiente para que tenha decahido ao minimo o instincto de conservação e de solidariedade, hoje tão pujante, nos primeiros alvares da vida da *União dos Trabalhadores Graphicos*.

Temos de o declarar com franqueza: a Associação, pese a quem pesar, augmenta dia a dia e de um modo prodigioso o numero dos adeptos, e se ainda não conta com a totalidade dos operarios graphicos deve-se, mais de que ás interposições e trabalhos subterraneos dos *desiludidos*, dos intrigantes e aduladores, dos equilibristas e dos carrascos, á falta de tempo e meios que precisamos para demonstrar palpavelmente que estamos dispostos, que está disposta a Associação, queremos dizer, a agir com tenacidade e sem desmaios, mais com prudencia e sem exaggeros, para que se cumpra o seu programma: **o da melhora das condições moraes e economicas em que se produz o trabalho graphico**.

Dentro em pouco, todos ficarão convencidos de que os nossos propositos são tão elevados tanto quanto corresponde á magnitude da necessidade que se trata de remediar, pois que o tempo dos factos, de factos praticos que realmente melhorem á sorte da tão humilhada classe

typographica se acha proximo. Assim seguramente já o entenderam os companheiros que têm entrado para a Associação, entre os quaes se contam corporações inteiras de officinas de obras e de jornaes, com chefes dignos, cujo melhor conceito ante os patrões é o cumprimento do seu dever e não a adulação ou as recommendações, pelo que não desdenham nem têm medo de apoiar as reclamações justas e de ser companheiros de seus companheiros.

É mais: de Santos, de Campinas, de Rio Claro e de outras cidades, se têm dirigido a esta Associação os obreiros graphicos alli residentes, pedindo um logar de lucta e sacrificio ao nosso lado.

Ainda não o dissemos tudo, pois isto, apesar de verdadeiro, custa a crer: alguns proprietarios de officinas nos têm participado o seu desejo de pertencer a Associação, prometendo que, logo que se pretenda implantar uma tarifa com o fito de unificar, **melhorando**, o preço da mão de obra e as horas de trabalho, estão dispostos a secundar a petição, por achal-a conveniente e justa.

Declaramos isto não porque nos deixemos illudir por tal cooperação a nossa obra, a qual nem tão pouco desprezamos, mas para demonstrar aos nossos companheiros que a necessidade de regularisar as condições da produção graphica é comprehendida até pelos proprios donos de officinas. E não só a comprehendem como tambem hão de desejal-a, visto que si se chegar a introduzir uma tarifa uniforme do custo da mão de obra por quantidade igual de tempo e qualidade de trabalho, não se achariam no caso de ter que competir com tantos escravocratas exploradores da infancia que fazem trabalhos *artísticos* infamemente immundos e a preços inverosimeis, motivo pelo qual nas suas casas, que são viveiros de aprendizes e depositos de lixo, exploram-se sem compaixão ás pobres creanças que, desejando apprehender a arte, têm cahido, por desgraça, nas garras de gente malvada e sem consciencia.

E' muito explicavel esse desejo dos donos, tendo em conta, além do que dissemos—pois em questões de negocio os sentimentos generosos ficam em ultimo logar—, que ninguem ha de querer remunerar os seus operarios com mais ordenado do que os outros lhes dão, e, antes procurarão diminuir o salario do que augmental-o, para não se achar nas condições desvantajosas em que os põem aquelles que peor pagam os operarios, si estes, pela sua propria conveniencia, não procuram reagir, estabelecendo um nivel de preços que defenha as ambições descabidas dos exploradores mais inhumanos.

Esperar, pois, que os donos de officinas se ponham de accôrdo para melhorar as nossas condições economicas, além de ser um absurdo, seria uma bobagem. Nós, trabalhadores, os que mais directamente soffremos as consequencias da competencia industrial, que se faz hoje quasi que exclusivamente á custa da depressão do nossos ganhos, somos os que nos devemos pôr de accôrdo, não por causa da competencia, mas pelos seus efeitos, que vêm fazer mais intensa a crise que nos acabrunha e nos mata, pela carestia dos artigos alimenticios, das vivendas, do vestuario, dos medicamentos, de tudo, de tudo absolutamente que tem relação com a conservação da vida. Convém recordar a este respeito que assim a a imprensa como os governos, as corporações scientificas como religioas, reconhecem a necessidade e falam constantemente da regeneração physica e moral do povo por meio de boa e abundante alimentação, dos exercicios physicos, de descanso corporal, de hygiene das casas e das officinas, de trabalho moderado que não relaxe as nossas forças, e de uma instrução adequada ao desenvolvimento das nossas idéas!...

Como havemos de alcançar isso, quando os ordenados que nos dão apenas chegam para pagar um quarto estreito, sem luz nem ventilação, numa forçosa promiscuidade com seres racionais e irracionais, e para comprar alimentos que nos forçam a ser vegetarianos, visto que os outros mais nutritivos não se acham ao alcance do nosso dinheiro, e quando a duração do labor diario não pôde resistir o nosso enfraquecido eorpo? E não falemos em instrução, que é muito melhor!...

A imprensa, os governos, a sciencia, pois, querem dizer ao trabalhador. «Tendes razão! Deveis ser tratados melhor! Si sois homens, luctai, occupai o logar que vos pertence! Defendei vosso direito á vida! Sede fortes! Regenerai-vos!»

Sendo as classes directoras da sociedade concordes em que é de direito melhorar as nossas condições, mas que não as melhoram nem as melhorão jámais, si a isso não são impellidas pelo povo, confessemos os bons e os maus, os fracos e os fortes, se não devemos nós, os trabalhadores, pôr em jogo todos os meios possiveis que as mesmas melhorem! E' justa, justissima, a causa que defendemos, e ganharemos se tivermos energia, constancia e prudencia:—energia, para sustentarmos sem desmaios e com dignidade as nossas reclamações; constancia, para fortalecermos o nosso espirito com a lucta e não acovardarmos ante as contrariedades; prudencia, para não compromettermos a nossa acção além do que a possam apoiar as nossas forças.

E não escutemos aos que nos dizem que as nossas condições de lucta não são propicias; que não existe solidariedade; que não podemos ter queixas, porque estamos relativamente melhor do que os operarios de outros ramos de produção. Quem isso sustentar, demonstrará não conhecer o meio em que vivemos, nem as variadissimas condições em que pôde desenvolver-se a acção collectiva obreira para lograr os seus fins. Se bem é certo que a lei da lucta economica entre o capital e o trabalho é a mesma em toda a parte e está exposta a identicos accidentes, não se deve olvidar que em seu desarrollo entram factores diversos: o caracter, a vida do operario, a classe da industria, o numero dos que não acham trabalho, a intensidade do mal-estar, o *stock* da produção, o compromisso dos patrões para a entrega dos seus encargos aos freguezes, a competencia que possam fazer-lhes os industriaes de outros logares em que a produção se faça com maior economia, o prejuizo que acarreta aos donos uma *grève* total ou parcial, os abusos das auctoridades e, para não falarmos em outros muitos, o dinheiro com que se conta para attender aos gastos que se originem.

Felizmente, para os obreiros graphicos brasileiros e sobretudo paulistas, no dia de hoje, **sempre que a maioria delles cumpra o seu compromisso de solidariedade que effectua ao associar-se**, suas condições são excellentes para, se houver industriaes caprichosos em acceder aos seus justos pedidos, obrigar-os a os aceitar, negando-se a trabalhar em suas officinas.

A demonstração disso é facilima:

convém á generalidade dos industriaes, como já dissemos, a unificação de preços da mão de obra, ainda que seja melhorando-os, com respeito a igual classe de labor e identico tempo de trabalho, para assim produzir todos nas mesmas condições de competencia;

não ha superprodução, nem mesmo *stock*, por causa da indole da industria;

os obreiros graphicos sem trabalho não chegam a uma porcentagem de 10 0/0, quando nas cidades estrangeiras excede sempre de 25 0/0;

no caso de *grève*, não ha facilidade de suprir uns trabalhadores com outros, quer do

Brasil, quer do estrangeiro; do Brasil, porque é diminuto o numero dos que se acham sem occupação, especialmente nas cidades deste Estado, que são as unicas que nos poderiam prejudicar, e ainda mais a causa de que se acham vinculados ás nossas reclamações, cujo triumpho também a elles favoreceria; do estrangeiro, porque, além da distancia, a *União dos Trabalhadores Graphicos*, pelo seu Conselho Administrativo, adiantando-se aos successos que podem desenrolar-se, vai remetter circulares aos companheiros de arte italianos, portuguezes e hespanhóes, no respectivo idioma de cada nação a que pertencem, fazendo a narrativa da deploravel situação a que tem chegado no Brasil a classe typographica e recordando-lhes não se deixem illudir por quem quer que seja, pois que unicamente conseguiriam, se viessem aqui, piorar a sua situação;

o trabalho graphico, especialmente de jornaes, não admitte delongas, e o de obras, tão pouco pôde ficar estacionado;

o costume de pagar mensalmente os alugueis das habitações em que moramos, assim como os mantimentos, nos deixam tranquilos para combater durante esse tempo qualquer resistencia patronal, sem necessidade de recorrer aos auxilios da nossa Caixa social;

e, para terminar esta serie de demonstrações, que vai longe demais, os atropellos aos nossos direitos, por parte das autoridades, não os devemos temer, pois o operario graphico paulistano, sciente de sua razão, saberá defendel-os contra qualquer aggressão, venha de quem vier, pois para isso conhece os meios que se têm de pôr em pratica.

Temos a nosso favor, como vêdes, os factores principaes para o triumpho completo de qualquer desejo de melhora razoavel. Falta talvez, o das reservas de dinheiro, cuja conveniencia é indiscutivel, mas não a sua absoluta necessidade particularmente na America, onde, por causas de educação societaria e de temperamento, a solidariedade e o entusiasmo são os primeiros e quasi que os unicos colaboradores que determinam o triumpho de qualquer questão da indole da que nos occupamos.

Sobre o relativo valor das caixas de resistencia temos dous exemplos recentes: as *grêves* dos operarios graphicos de Roma e de Lisboa. A primeira durou alguns mezes, com resultado negativo para os trabalhadores, depois de terem gasto mais de 100.000 francos, e deixar de ganhar mais de 1.000.000; a segunda durou só dias, não gastaram, nem deixaram de ganhar quasi nada os operarios e, se não mentem as noticias dos jornaes, obtiveram as melhoras desejadas. Mas saiba-se que ao falarmos assim não pretendemos, nem de leve, condemnar o gigantesco, ainda que malogrado esforço dos nossos collegas italianos, nem deixamos de comprehender os immensos prejuizos que acarretou á classe patronal sua inqualificavel conducta, prejuizos a que não se quererão expôr de novo o dia em que os typographos romanos, seguindo os legitimos impulsos de desforço que devem dominal-os, assim como a lei natural da lucta pela existencia, voltem, com mais força do que antes, a continuar aquelle movimento de reivindicação de seus legitimos direitos, a que nós prestaremos, o apoio de nossas sympathias, ou o da nossa solidariedade.

É innegavel, e não nos cançamos de o dizer, que temos razão e razão tem sempre todo trabalhador que procura melhorar a sua condição, — sem que seja argumento desfavoravel as comparações malevolos dos que dizem que existem outros que se acham em peor situação, pois o que teriam de dizer é que é injusto, e até criminal, que exista quem trabalhe e não ganhe para viver, para manter a sua familia e para se pôr ao abrigo dos accidentes que continuamente o ameaçam. Por muito que ganhe um trabalhador, ninguém ousará provar-nos o contrario, nunca ganha o que merece ou o que deveria, tendo em conta — além de outras razões de que já temos falado — o tempo que, por falta de trabalho, tem de vadiar, não recebendo ordenado algum, e aquelle que lhe roubam as enfermidades. A miseria, mais cedo ou mais tarde, apodera-se sempre da morada do operario, sem que a possam impedir ordenados mais ou menos crescidos.

Por todos os cantos que se olhe e se estude

a idéa de nossas reivindicações, chegaremos á mesma conclusão: deve lutar-se e lutar-se com valentia para melhorar a situação presente dos productores da riqueza, e para que venha um outro estado economico-social mais justo do que o presente. O operario que não aceitar esta preposição é uma *cousa*, não é um homem; uma machina inanimada que se move com impulsos de outrem, ou, quando muito, um ser irracional que tem grande semelhança com um burro de carga.

Obreiros das artes graphicas, fortifiquemos a nossa consciencia com a idea de aspirarmos a uma causa justa; agrupemo-nos todos, mas de boa fé, em torno da bandeira de redempção que representa a *União dos Trabalhadores Graphicos*, e façamos até os impossiveis para defendel-a. Não, não sejamos machinas, nem burros de carga!!!

Cresça a União; continúe o entusiasmo!
Imitemos, o mais breve possivel, os nossos collegas portuguezes!

Aos proprietarios de estabelecimentos graphicos, communicamos que, de bom grado e desinteressadamente, nos encarregamos de procurar o pessoal necessario em qualquer ramo das artes graphicas. Pedimos também a todos os collegas que tiverem conhecimento de alguma vaga em qualquer estabelecimento de nosso ramo, que nol-o communique com urgencia, afim de podermos empregar os collegas, socios ou não, que queiram utilizar-se de nosso interesseamento.

Grêve geral dos typographos de Lisbôa

Tendo os typographos de Lisbôa apresentado um pedido aos proprietarios dos jornaes e demais typographias, ao que parece, para que lhes fossem augmentados os miserimos salarios e deminuidas as horas de trabalho, e não tendo sido attendidos, declararam-se em grêve geral, no dia 18 do mez proximo passado, que terminou em 27 do mesmo mez.

Durante esse periodo de tempo, os nossos collegas portuguezes deram um brilhante exemplo de solidariedade, pois, apesar dos esforços dos proprietarios para conseguir nas provincias *krumiros* que substituissem os grévistas, tiveram que conservar suas officinas fechadas até a terminação da grêve.

Se os collegas de além mar conseguiram *in totum*, o seu justo pedido não o sabemos, no entanto, daqui desta parte da America, onde, como elles, soffremos as consequencias da exploração capitalistas, lhes enviamos as nossas mais fervorosas saudações.

O primeiro dever do operario que aspira á sua liberdade economica, é associar-se.

As directorias nada fazem...

Esta phrase houve-se a cada passo, e especialmente da bocca das pessoas que da sociedade ou sociedades a que pertencem fazem tanto caso quanto da primeira camiza que vestiram.

«A directoria nada faz. Um socio é maltratado, outro adocece, continúa outro desempregado, não festejam o anniversario, não comemoram as data memoraveis, não promovem diversões, não agitam, não interessam os socios, nem sequer fazem a cobrança».

Quantas vezes individuos despreocupados, na rua, nos cafés ou no intervallo de um a outro calice, n'alguma *farra* fedida ou nababesca, mas sempre embrutecedora e deprimente, repetem estas criticas. Não lembram-se ou fingem de não saber que a directoria de qualquer sociedade não é mais do que o poder executivo, o *poder que cumpre ordens* determinadas pelas assembleas ou pelo estatuto.

As directorias, sim, devem escogitar todos os meios para dar á sociedade o maior desenvolvimento possivel; mas, se as afazeres ordinarios que os cargos lhes accarretam lhe absolvem o

tempo que dispõe, se além de effectuar suas reuniões ordinarias dedicam-se o mais que lhes é possivel, é justo que se lembre a estes associados que por sua vez devem occupar-se, que não ha sociedade alguma cujo estatuto exente o socio de *procurar o seu desenvolvimento* por todos os meios que estiverem ao seu alcance.

Os socios que se lembram da oportunidade de uma commemoração ou festa (que não esteja prevista nos estatutos, porque neste caso é obrigação das directorias) poderiam e deveriam convidar outros, e, constituido em grupo, promotor convidar os demais socios, em cujo caso as directorias têm obrigação de dar os maiores esclarecimentos e poderia mesmo adiantar empréstados dos cofres sociaes, e meios precisos.

E' preciso que as pessoas que se inscrevam em qualquer sociedade, se compenetrem de que a sociedade é *cousa abstracta* si os socios não se interessarem, por ella é dever communicar tudo quanto possa interessar a qualquer socios a toda a collectividade; devem abitar-se a frequentar a séde, desde que haja, afim de conhecerem-se mutuamente e communicarem-se; que avisem pontualmente suas transferencias de casa ou de officina e, especialmente, que aceitem os cargos ou commissões que possam desempenhar.

Quanto ás directorias que effectivamente não cumprem seus deveres, devem ser, sem cerimonia e meios termos, destituidas, e isso é facultado pelos estatutos de qualquer sociedade, por muito conservadora ou reacionaria que seja.

Repetimos, procurar conhecer-se mutuamente, aceitar os cargos que se possa exercer, porém pratica tudo quanto possa ser util a sociedade, exigir de todos os socios o cumprimento de de seus deveres sociaes, observar escrupulosamente as disposições dos estatutos e dar bons e frequentes exemplos, eis o segredo para que as associações progredam e alcancem os fins para que foram instituidas.

E' conveniente que os nossos collegas nos informem pontualmente de toda e qualquer irregularidade, arbitrariedade ou injustiça, que se verifique nas officinas graphicas, afim de podermos tomar as providencias que estiverem em nosso alcance.

Noticias historicas

Sobre a arte typographica

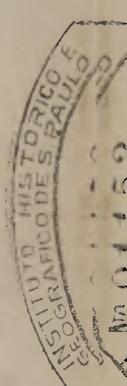
Entre os maiores inventos, que são a gloria da intelligencia e da constancia humana, pela inculcavel influencia exercida sobre todos os ramos da sciencia, da industria e do commercio, o logar mais eminente, deveria caber á arte de Gutenberg. Porque o livro, esta fiel custodia da idéa expressa, que conserva e transmite através os seculos, lentamente abria o caminho, quando confiado ao trabalho dispendioso do copista, ou pacientemente allumiado por afamados artistas, e cuja posse unicamente podiam preterender os favorecidos da fortuna.

Uma idéa audaz, brotada na mente de um illustre filho de Maguncia, veiu substituir, com a combinação dos typos moveis, a obra do amanuense, permitindo, com este modo, fixar simultaneamente inteiras paginas *in-folio*.

Simple, nos ha de parecer, o modesto instrumento que serviu a Gutenberg para levar a cabo o grandioso intento; mas si consideramos a somma de intelligencia e de constancia precisa para crear uma arte nova, pela qual tudo era de imaginar e conseguir em repetidas experiencias, desde as funcções e as matrizes, desde as fórmulas para fundir os typos, até os meios de combinal-os, devemos admirar esse genio, que soube transformar uma prensa vinicola. n'um alto factor de luz e de progresso.

E não ao acaso dissemos uma prensa vinicola, pois o prélo de Gutenberg, que o torneiro Conzado Saspach fabricou sobre os desenhos d'elle mesmo, pouco differia da prensa vinicola, na qual o parafuso enroscando-se na parte superior desta, faz levantar o descer a platina adherente á sua extremidade inferior, parallela ao plano debaixo, para exercer a pressão sobre a materia que lhe é interposta.

Foi com este instrumento, que o inventor,



imprimio a celebre Biblia, no anno 1462, instrumento que, aperfeiçoado depois em distanciados periodos de tempo, servia, durante quasi quatro seculos, á impressão daquellas obras que, religiosamente conservadas nas bibliothecas, formam hoje o orgulho dos bibliophilos, e pelas quaes, tanta fama adquiriram os Aldo Manuzi, os Estienne, e os Bodoni.

Na America do Norte, n'aquella joven nação que já manifestava aquellas tendencias ao progresso e á completa emancipação industrial, George Clymer, em 1797, fabricava o primeiro prélo em ferro de fórmulas elegantes, solido, e com parafuso regulador; e annos depois, Lord Stanhope, com maior obliquidade da rosca, com maior resistencia e estabilidade da platina, o levou ao mais alto grau de perfeição. Mas apesar disso, o seu uso durou pouco. A machina de cylindro inventada por Koenig e Bauer devia em breve eclipsal-o.

Assim, o prélo manual, que, a pouco mais de meio seculo, era meio de impressão o mais commumente usado, agora, comparado com as rotativas, representaria apenas o pesado vehiculo a tracção muscular, de frente ás mais rapidas ferro-vias electricas.

As imperiosas exigencias do jornalismo moderno, e as mudadas condições da vida, foram estímulos para que os constructores estudassem os meios de tornar a impressão mais rapida. Frederic Koenig, de Eislebed (Saxe), uma dessas intelligencias que os obstaculos não desanimara, depois de ter debalde solicitado o apoio do governo russo, para pôr em execução o projecto de uma nova machina typographica, transferia-se para a Inglaterra, onde obteve de Richard Taylprd, proprietario do *Times*, os meios para pôr em practica o seu projecto almejado.

Em 1811, o *Annual Register* de Londres, era impresso n'uma machina construida por Koenig. Esta machina, apesar de possuir o movimento automatico de todos os organs, a pressão era ainda obtida por meio de uma platina, debaixo da qual, o carro, mechanicamente, transportava a fórmula para ser impressa.

Associado então Koenig ao seu patricio Bauer, mechanica de reconhecida capacidade, depois de tres annos de trabalhos, ensaiou, em 28 de Novembro de 1814, e com resultado satisfactorio, a primeira machina de cylindro, sobre a qual foi impresso o numero do *Times*, que traz aquella data memoranda para a Arte Typographica.

Essa machina, prototypo das machinas em branca, tinha dois cylindros de impressão, cada um alimentado por um margeador, e por consequencia, duas sahidas das folhas, com osapparelhos da distribuição de tinta e distribuidores de grande diametro situado entre os dois cylindros de impressão. O movimento do carro e dos cylindros era devido a cremalheras e rodas de engrenagem, constituindo assim a idéa primordial que abria novos horizontes aos constructores e um campo vastissimo ás mais fecundas applicações.

Da invenção de Koenig e Bauer, surgiram outros sistemas de machinas, os quaes, modificados ou simplificados em parte, não alteram, porém, profundamente a machina primitiva, que continha no seu conjunto o indispensavel para funcionar regularmente.

No systema francez, inaugurado por Dutartre e continuado por Marinoni, Alauzet, Voirin e outros, a entintação, de cylindrica passou a ser de mesa horizontal, systema também seguido pelos constructores inglezes, alguns dos quaes, entre outras modificações, estabeleceram as pinças na parte inferior do cylindro, podendo assim o margeador, ficar de pé ao nivel da base da machina e seguir de vista a folha impressa durante a evolução do cylindro. O systema Norte-Americano, no intuito de supprimir os pontos mortos, ou seja a parada instantanea do cylindro, e o regresso violento do carro, origem de sacudimentos que deterioram as machinas, introduziram a rotação continua do cylindro.

Inumeros são agora os systemas; além da machina em branca, temos as machinas de retirada, nas quaes os dois cylindros se levantam alternativamente ao regresso das fórmulas. A folha, margeada na parte superior, é apanhada pelas pinças do primeiro cylindro, que a acompanham até imprimir-se sobre a fórmula correspondente, da qual sóbe até ao ponto onde as

pinças de ambos os cylindros, cruzados e, a folha é transmittida ao segundo cylindro, que a conduz a receber a impressão em volta sobre a fórmula correspondente, para dirigir-se depois, guiada por cadarços, á mesa de recepção. O inventor desse systema foi o francez Rousselet; Normand, Rebourg, Alauzet, Marinoni e Derziefy foram os continuadores.

Por datas chronologicas vem em seguida a reacção inventada por Normand:

Na reacção ha dois margeadores e uma fórmula só, e pode-se dizer que a machina é composta de duas machinas, que não têm de commum entre si mais do que o carro, movido pela articulação de Cardan.

Os cylindros, engrenados na cremalhera do carro, sendo de pequeno diametro, se desenvolvem duas vezes para imprimir um lado da folha, a qual, por um engenhoso aparelho de cadarços, volta-se sobre um cylindro de madeira, do qual se desenvolve, dirigindo-se outra vez para o cylindro de impressão, no momento em que este, chegando a extremidade do carro, é obrigado a rodar em sentido contrario pela acção das cremalheras; subindo para a parte superior do cylindro, vai sahir impressa nos dois lados, em duplo exemplar, sobre a mesa receptora.

Marinoni, constituiu machinas a dupla reacção com quatro margeadores, machinas estas que a rotativa demonstrou actualmente desnecessarias, por serem menos rapidas e talvez mais onerosas.

As machinas a duas cores podem ser a um e dois cylindros.

As de um cylindro, são a duas evoluções por cada folha; isto é uma volta por cada fórmula, sendo a folha segura pelas pinças durante a dupla evolução; as de dois cylindros, a folha é transmittida, depois da primeira impressão, sobre o segundo cylindro, que a transporta para receber a segunda sobre a fórmula correspondente ao mesmo.

Ha machinas também a tres e quatro cores, com o necessario augmento dos compartimentos do plano e dos finteiros relativos.

Os jornaes de grande circulação para os quaes as duplas reacções eram em outros tempos sufficientes, reclamavam com insistencia crescente aos constructores, machinas mais rapidas para satisfazerem as exigencias do crescido numero de leitores.

A innovação do novo processo de estereotypia, obtidas por meio de *flans* em papel, fez surgir a idéa de produzir *cliches* circulares, applicaveis sobre os cilindros, que vinham substituir o plano horizontal do carro.

Assim os norte-americanos, por primeiros, usaram rotativas, porém com papel em resma, margeado a cada par de cylindros, podendo o numero dos margeadores, chegar até oito ou dez.

Apesar de ser conhecido o fabrico do papel continuo, os esforços dos constructores, encontravam um grave obstaculo na recepção das folhas, que se seguiam com uma rapidez, que o braço humano não podia vencer.

Resolvido com os accumuladores as ultimas difficuldades, depois de um periodo de incertezas, de tentativas e de resultados incompletos, aproveitando de quanto a pratica tinha demonstrado de melhor, sahio desse conjunto a rotativa Marinoni, em 1872 e a Derriey do anno seguinte. Desde aquella época, da Alemanha e de outros Estados sahiram e sahem rotativas, mais complicadas ou menos simplificadas, testemunhas eloquentes, do alto grau de perfeição a que vai chegando a Arte de Gutenberg; pois que, si a rotativa para jornaes, parecem indicar as columnas de Hercules, estas, já foram ultrapassadas pelas rotativas a seis cores simultaneas.

Mais não foi o unico o jornalismo a aproveitar os meios inexgottaveis que a mechanica veio pôr a seu alcance; também a typographia artistica e industrial teve as machinas a platina, as minervas, das quaes a Foenix, a Victoria, a Ideal, as machinas a dupla entintação, as esquadras automaticas, e o margeador automatico. Do seu lado, a chimica poz a disposição da typographia o incalculavel caudal de seus conhecimentos, barateando o papel de madeira, levantando a gomma chromatica das cores, emquanto as artes photo-mechanicas, aformoseando o livro, descobriam os processos da phototypia,

da photoglyptica e a maravilhosa tricromia, synthese das tres cores fundamentaes do espectro solar, e pela qual vemos fielmente reproduzidos, n'uma agradável variedade de tons, quadros e sujeitos polychromos pela simples superposição das tres impressões, amarello, vermelho, azul, cada qual effectuada sobre a relativa chapa de zinco, gravada photomechanicamente, e cujas negativas foram obtidas através de vidros orthochromatizados.

Até as utopias tornaram-se realidades! Quem teria acreditado na machina de compôr?

Entretanto não é mais uma illusão esta formidavel concurrente do typographo, que já fez sua entrada triunphante nas grandes officinas, das quaes sahiram com olhar triste os operarios substituidos por este prodigio da mechanica.

Linotypes e Monotypes, compondo e estereotypando simultaneamente começam a generalisar-se e...

Despertemo-nos collegas; a maré sobe, sobe e nos vae submergir.

Estes soberbos inventos do genio humano, nas mãos da especulação, são armas oppressivas, contra nós; só convergindo nossos esforços em um intento commum, é que chegaremos a obter uma limitação á duração do trabalho para que não sejamos excluidos deste, unico recurso que temos, para sentarmos também modestamente ao banquete da vida.

Assim fizeram os collegas de outras nações, attenuando os desastrosos efeitos da concorrência com a Associação.

Collegas! associemo-nos, pois.

OLIVIERI GIUSEPPE—Impressor

Em reunião dos conselhos administrativos, provisório e effectivo, e da commissão de contas, realizada em 14 de Abril, distribuiram-se os cargos do conselho effectivo para o exercicio do corrente anno, ficando assim constituído: 1º secretario, Ambrozio Chiodi; 2º dito, Castorino Ferreira; thesoureiro, pôr eleição directa Egisto Maré; contador, Hermes Vignoli; conselheiros: Lourenço Monaco, Edgard Leuenroth e Corrado Corradi.

Determinou-se as quintas-feiras, ás 7 horas da noite, para as reuniões ordinarias do conselho administrativo.

Para attender aos trabalhadores das artes graphicas, socio ou não, na sede social, que se conservará aberta todas as noites, das 7 ás 10 horas, serão encontrados: ás segundas-feiras, Edgard Leuenroth; terças, Corrado Corradi; quartas, Monaco; sextas, Chiodi e aos sabbados, Hermes Vignoli.

Estatística

Ninguém, certamente, negará a utilidade e praticidade das estatísticas applicadas a quaesquer ramos da actividade humana e especialmente para a orientação e calculos antecipados no estudo da vida economica, desde a mais insignificante, a mais vasta concepção do homem, entretanto, em nosso meio, quasi ninguém preoccupa-se deste importante trabalho e a propria Repartição de Estatística não pôde apresentar nenhum documento completo pelas disidias de todos.

No intuito de conhecermos, pois, o grau de desenvolvimento das artes graphicas e dos trabalhadores que a ellas se dedicam, resolvemos effectuar uma estatística com todos os detalhes que a possam completar e correspondente ao fim que se destina.

Este conselho administrativo organisou um questionario que por estes dias será enviado a todos os proprietarios de estabelecimentos graphicos de que tiver conhecimento, bem como a alguns collegas de boa vontade, para que se interessem e nos auxiliem na nossa tarefa.

Aos srs. proprietarios e aos collegas que receberem o referido questionario, pedimos encarecidamente a fineza de responder aos quesitos nelle exarados, devolvendo-o com a maior brevidade afim de podermos organizar uma estatística completa, que nos ponha em condições de avaliar o mais exactamente possível o estado economico dos trabalhadores graphicos deste estado e podermos, serenamente com consciencia de causa, estudar e propôr os melhoramentos que as circunstancias indicarem.

Pela Arte

Todos os estabelecimentos graphicos recebem dos fornecedores catalogos e fasciculos de reclame, bem como algumas revistas e jornaes profissionais, que, geralmente, são archivados pelos proprietarios ou gerentes.

Esses catalogos, folhetos, jornaes ou revistas, contêm estudos e conhecimentos historicos sobre as artes graphicas, divulgam as facilidades introduzidas na execução dos diversos trabalhos e trazem muitos especimens de trabalhos novos e artisticos, tornando conhecidas as descobertas que incessantemente são lançadas no campo das artes graphicas; por conseguinte deveriam ser postos á disposição de todos os operarios e não monopolizados pelos proprietarios, que, muitas vezes, não têm conhecimentos technicos, pelos gerentes e por algum especialista egoista e vaidoso, que quando está copiando furtivamente algum trabalho e vê que qualquer collega interessa-se pela revista ou especimen, fecha-o, e o companheiro, curioso de aprender, fica confuso e envergonhado pelo acto descortez do especialista.

Quanto mais conveniente seria si essas revistas e especimens fossem collocadas nas officinas, a disposição dos operarios que os quizessem consultar, para execução mais facil e artistica dos trabalhos que lhes fossem confiados, devendo, mesmo, serem emprestados a todos os operarios e até aos aprendizes mais adeantados, para que podessem lêr e exercitar-se certo de que não haveria, neste caso, o perigo vulgar de não serem devolvidas. Ninguem desejará desgostar o chefe ou patrão de quem dependem, por isso que haveria em todos o interesse de devolvê-los para poderem ler e consultar os novos, á proporção que apparecessem nas officinas.

Por este systema, o operario melhora, o estabelecimento produz trabalhos mais perfeitos, aparelhando-se com os outros, cooperando todos para o engrandecimento e elevação da Arte.

No intuito de darmos o maior desenvolvimento á nossa bibliotheca que já se acha iniciada, pedimos encarecidamente ás empresas editoras de jornaes, revistas, obras ou folhetos, a fineza de nos enviarem exemplares de suas edições, pelo que nos protestamos sinceramente gratos.

Aos collegas e amigos estendemos o pedido supra, para que nos auxiliem no util intento, e ás associações congeneres a esta, pelo que diz respeito ás suas publicações.

Em virtude de ter pedido demissão do cargo de cobrador o sr. E. Serafini, a quem agradecemos os bons serviços prestados a esta Associação, foi nomeado para o mesmo cargo o nosso consocio Guilherme Menozzi, que offereceu os seus prestaveis esforços a bem da União, e que recommendamos aos nossos collegas para que o auxiliem no seu espinhoso encargo.

Aos Collegas

do Interior e dos Estados

Cumprimos o ingrato dever de communicar a quem possa interessar que, em consequencia da interminavel crise que desde muito nos opprime, as condições de trabalho nesta capital vão-se tornando cada vez peiores, verificando-se uma muito sensivel desocupação entre os trabalhadores das artes graphicas; desocupação que põe os industriaes desonestos e egoistas em condições de abusar de nossa fraqueza e explorar nossas misérias, pagando

salarios irrisorios e impondo longos horarios em officinas, sempre sem hygiene e algumas, mesmo, pestilentas, sem ar, sem luz, e sempre muito acanhadas.

A exploração capitalista está baseada na ignorancia e desunião dos trabalhadores. Impõem-se, pois, a união e a instrução.

Movimento de socios de 13 de Março a 5 de Maio :

Socios da Associação das Artes Graphicas	70
Socios do Centro Typographico de S. Paulo que communi- caram sua adhesão	45
Socios novos	196
Total	381

Ai Collegli

ed alle sezioni della Federazione Italiana dei Lavoratori del libro.

A costo di passare per degli egoisti, compiamo lo sgradevole dovere di avvisare quei collegli che avessero intenzione di venire in questi paesi, che, dovuto allo stato prodotto da una enorme crise che ancora perdura, le piazze di questo immenso Brasile sono affollate di disoccupati e che appunto per la concorrenza che ci facciamo della lotta per la conquista del pane; i padroni di stabilimenti grafici abusano della nostra debolezza e esplorano la nostra miseria pagandoci salari irrisori ed imponendoci ognora piú lunghi orari, in stamberghe sempre senza igiene e qualche volta addirittura pestilenti, senz'aria, senza luce e sempre molto ristrette.

Recebemos e sinceramente agradecemos as seguintes publicações, que vieram ornar a nossa sala de leitura :

La Voz de Espanha, O Amigo do Povo, O Livre Pensador, A Palavra, Vida Paulista, Letteratura ed Arte e O Chapeleiro, desta Capital; *Mensageiro da Aparecida*, de Aparecida do Norte; *Brazil Operario*, do Rio de Janeiro; *A Mocóca*, de Mocóca. O sr. Eiras Garcia, redactor da *La Voz de Espana*, enviou-nos alguns numeros da artistica revista *Mercurio*, que se publica em Barcellona e da qual é agente nesta Capital.

De diversos collegas temos recebidos innumeros jornaes, revistas, folhetos e alguns livros, do que publicaremos no proximo numero uma relação, por não o ser possivel neste.

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores.

Os utensilios do "Centro"

Em o ultimo boletim que foi publicado, publicamos as contas relativas á Associação das Artes Graphicas, declarando que não podiamos fazer o mesmo com referencia ao Centro Typographico de S. Paulo, porque o seu thesoureiro mandou-nos entre-

gar a quantia que achava-se em seu poder, declarando-nos que, todos os livros, documentos e outros objectos achavam-se em poder do secretario, que até a data da publicação do referido boletim, apesar dos reiterados convites, não tinha prestado contas.

Agora, porém, cumpre-nos declarar que o mesmo secretario, sr. Oscar Nitsch mandou entregar, em nossa séde, na noite de 9 do mez p. p., diversos livros, documentos e objectos, pelo que lhe foi passado regular recibo. Na mesma noite, foi recebido na séde mais um livro que o thesoureiro do mesmo nos mandou; abilitando-nos, assim, a dar o balanço abaixo, que é a demonstração do capital que o referido Centro passou á União dos Trabalhadores Graphicos.

Centro Typographico de S. Paulo

Demonstração da Receita e Despesa

RECEITA	
Março—Recebido de mensalidades, conforme talão n. 1	96\$000
Abril—Idem, idem, conforme talão n. 2	96\$000
Maio—Idem, idem, conforme talão n. 3	76\$000
Junho—Idem, idem, conforme talão n. 4	68\$000
Julho—Idem, idem, conforme talão n. 5	18\$000
	354\$000
DESPESA	
Março—Pago pela confecção dos estatutos documentos ns. 1, 2, 3, 4	100\$000
Idem, por objectos para a Secretaria, doc. n. 5	14\$500
Idem, por publicações, doc. n. 6	2\$000
Idem, pela impressão de 100 circulares, doc. 7	6\$000
Idem para gratificação ao porteiro	4\$000
Idem, porcentagem ao procurador sobre o recebimento de Rs. 354\$000.	35\$400
Saldo em poder do thesoureiro	192\$100
	354\$000
Diferença para mais	5\$400
Saldo existente	192\$100
	197\$500

S. E. ou O.

S. Paulo, 31 de Março de 1904.

O Presidente
José Cupertino

O Thesoureiro
Antonio da Rocha Ribeiro

O Conselho Administrativo Provisorio

- Ambrozio Chiodi, 1.º secretario
- Castorino Ferreira, 2.º "
- Lourenço Monaco, Thesoureiro
- Ernes Vignoli, Contador
- Luiz Magrassi, Conselheiro
- Edgard Leuenroth "
- Guilherme Menozzi "

